



IX ENCONTRO BRASILEIRO DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA

ISSN: 2594-5688

secretaria@sbap.org.br

Sociedade Brasileira de Administração Pública

ARTIGO

CONSTRUTO RACISMO: UMA ANÁLISE DAS ESCALAS DE MENSURAÇÃO

KARINA FRANCINE MARCELINO, MÁRIO CÉSAR BARRETO MORAES,

GRUPO TEMÁTICO: 13 Relações Raciais e Interseccionalidade na Administração Pública

IX Encontro Brasileiro de Administração Pública, São Paulo/SP, 5 a 7 de outubro de 2022.
Sociedade Brasileira de Administração Pública
Brasil

Disponível em: <https://sbap.org.br/>

Construto Racismo: uma análise das escalas de mensuração

Resumo:

Este artigo busca analisar como as medidas e escalas do construto racismo são construídas e validadas a partir de técnicas de revisão sistemática da literatura e tem como propósito analisar a construção desses instrumentos por meio de recomendações estatísticas para o desenvolvimento de escalas. Dos 82 artigos analisados, aqueles que tratam de medidas e escalas do construto racismo não apresentam uma análise relacionados ao desenvolvimento dessas escalas em conjunto. Realizou-se uma revisão sistemática de literatura utilizando descritores e critérios definidos de inclusão e exclusão. A busca dos dados compreendeu as bases de dados presentes no Portal de Periódicos Capes, sem delimitação de data para início, com o limite temporal de dezembro de 2021, que resultou na identificação de 82 artigos. Após a eliminação dos artigos duplicados e após as filtragens definidas, restaram seis estudos para análise da construção das escalas. Identificaram-se três escalas que tratam especificamente de mensuração/avaliação do construto racismo: Escala de Racismo Moderno, Escala de Racismo Simbólico e Escala de Atitudes Étnico-Raciais. Há uma predominância dos estudos sobre a Escala de Racismo Moderno embora existam outros instrumentos que ficaram de fora do corpus de análise por não atenderem os critérios de inclusão, principalmente na questão do acesso aos artigos gratuitos.

Palavras-chave: Racismo. Escalas de mensuração. Construto

Introdução:

Em um contexto histórico-cultural conservador e intolerante, aspectos da discriminação, preconceito e exclusão estão presentes em todos os espaços. Isso inclui locais de trabalho, ambiente acadêmico e vida pública. No que se refere a questão racial, foco deste estudo, compreende-se que existem três categorias associadas à ideia racial: racismo, preconceito racial e discriminação racial. Segundo Almeida (2019), embora haja relação, o racismo se diferencia do preconceito e da discriminação racial.

Nos espaços onde ocorrem os debates em torno da questão racial encontra-se variadas conceituações para o racismo (ALMEIDA, 2019). Nota-se que o racismo se apresenta de diversas formas, porém, seja como racismo estrutural, racismo institucional, racismo epistêmico, racismo cordial, racismo simbólico, racismo moderno, racismo ambivalente ou racismo aversivo, todas as concepções guardam em comum o interesse em avaliar o racismo e suas novas configurações (PETTIGREW; MEERTENS, 1995; FERNANDES; PEREIRA, 2019, PACHECO, 2015; ALMEIDA, 2019; NOGUEIRA, 2015)

Discutir o construto racismo pode ajudar a construir uma melhor compreensão da diversidade e como ela pode beneficiar a todos. Esse conhecimento pode ser usado para melhorar a sociedade como um todo. Sabendo que em pesquisas cujos temas são gênero, classes sociais e relações étnico-raciais a perspectiva epistemológica predominante é a antipositivista, ou seja, fazem uso de lentes que questionem de forma significativa e reflexiva e que forneçam realismo e humanidade aos fenômenos sociais (BURRELL; MORGAN, 1979; CUNHA; REGO, 2019; SOUSA SANTOS, 1988) faz-se necessário direcionar-se ao *mainstream* das ciências sociais com o intuito de conhecer e analisar as

medidas de mensuração existentes acerca do construto racismo.

Abordar o racismo a partir de uma epistemologia positivista, ou seja, com a intenção de “[...] explicar e prever o que acontece no mundo social em busca de regularidades e relações causais entre seus elementos constituintes” (BURRELL; MORGAN, 1979, p. 5, tradução nossa) fornece ao campo dos estudos sociais contribuições e insights quanto a importância de medidas quantitativas para a análise e compreensão do construto racismo de uma maneira ampla.

Diante disso, este artigo tem como objetivo analisar como as medidas e escalas do construto racismo são construídas e validadas. Para tanto, o trabalho apresenta, inicialmente, uma breve fundamentação teórica sobre racismo, seguida da descrição da metodologia utilizada para desenvolvimento da pesquisa. Na sequência, são apontados os resultados obtidos nas publicações, de acordo com os critérios previamente estabelecidos, seguidos da análise da construção dos instrumentos de mensuração sobre o construto. Por fim, apresentam-se as considerações sobre o estudo e as recomendações para futuras investigações.

Parte 1. Concepções de Racismo

Compreende-se que existem três categorias associadas à ideia racial: racismo, preconceito racial e discriminação racial. Segundo Almeida (2019), embora exista uma relação, o racismo é distinto do preconceito e da discriminação racial.

O preconceito pode ser definido como “uma opinião que se emite antecipadamente, a partir de informações acerca de pessoas, grupos e sociedades, em geral infundadas ou baseadas em estereótipos, que se transformam em julgamento prévio, negativo” (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2006, p. 221). Observa-se que, para ser considerado preconceito tem que existir necessariamente dois atributos: ser negativo e ser anterior a qualquer concepção, ou seja, “ideia, opinião ou sentimento desfavorável formado a priori, sem maior conhecimento, ponderação ou razão” (HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 2.282). Já o preconceito racial é visto por Almeida (2019, p. 22-23), como “o juízo baseado em estereótipos acerca de indivíduos que pertençam a um determinado grupo racializado, e que pode ou não resultar em práticas discriminatórias”.

Segundo Rangel (2006), é possível compreender o quanto o preconceito pode causar algum tipo de discriminação ou exclusão na vida de pessoas que historicamente sofrem com os efeitos nocivos dessas práticas. Enquanto a discriminação é um tratamento pior ou injusto dado a alguém por causa de características pessoais, que quebra o princípio de igualdade, motivado por raça, cor, sexo, idade, trabalho, credo religioso ou convicções políticas, a exclusão é o ato que priva ou exclui alguém de

determinadas funções (HOUAISS; VILLAR, 2001).

Para Dupas (2001), a definição de exclusão social considera especificidades relacionadas ao contexto institucional, econômico e o entendimento sobre o que seja integração social. De acordo com Rogers (1995) a abordagem da exclusão social é em essência multidimensional, pois inclui a ideia de falta de acesso a bens, serviços, segurança, justiça e cidadania.

Almeida (2019, p. 22-23), define que a “discriminação racial, por sua vez, é a atribuição de tratamento diferenciado a membros de grupos racialmente identificados”. O requisito fundamental para se caracterizar a discriminação é o poder, ou seja, “a possibilidade efetiva do uso da força, sem o qual não é possível atribuir vantagens ou desvantagens por conta da raça” (ALMEIDA, 2019, p.23).

Conforme Sant’Ana (2005), o preconceito é uma indisposição, um julgamento prévio, negativo, que se faz de pessoas estigmatizadas por estereótipos, que é imposta pelo meio, época e educação; o preconceito regula as relações de uma pessoa com a sociedade e é considerado um fenômeno psicológico, ou seja, reside apenas na esfera da consciência e/ou afetividade dos indivíduos e por si só não fere direitos. Por outro lado, a discriminação se verifica na ação ou omissão que viola direitos das pessoas com base em critérios injustificados e injustos, ou seja, é a exteriorização, a manifestação, a materialização do racismo, do preconceito e do estereótipo. (SANT’ANA, 2005). Portanto, enquanto o preconceito é subjetivo e reside na esfera individual, a exclusão e a discriminação possuem características objetivas, ou seja, ferem direitos e o racismo se evidencia na materialização da exclusão, da discriminação e do preconceito.

E por fim, o racismo, construído desde estudo, é considerado uma “forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam” (ALMEIDA, 2019, p. 22). Para o Ministério da Educação (2006) o racismo pode ser compreendido como uma doutrina ou sistema político fundado sobre o direito de uma raça (considerada pura ou superior) de dominar outras ou preconceito extremado contra indivíduos pertencentes a uma raça ou etnia diferente, geralmente considerada inferior ou até mesmo uma atitude de hostilidade em relação à determinada categoria de pessoas. Ao encontro dessa concepção Munanga (s/d, s/p), consegue exprimir teoricamente o conceito de racismo tendo como base as relações entre ‘raça’ e ‘racismo’:

o racismo seria teoricamente uma ideologia essencialista que postula a divisão da humanidade em grandes grupos chamados raças contrastadas que têm características físicas hereditárias comuns, sendo estas últimas suportes das características psicológicas, morais,

intelectuais e estéticas e se situam numa escala de valores desiguais. Visto deste ponto de vista, o racismo é uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural.

Reforçando a questão do racismo, Mezan (2021, p. 88) observa que:

o racismo é a forma que assume o preconceito quando o grupo portador das características repugnantes ou indesejáveis é uma raça, e não uma profissão, uma corrente de opinião, os moradores de certa região ou localidade etc. (...) Por trás da aparente tautologia - o racismo é o preconceito contra uma raça - oculta-se um complexo problema, que é o da própria conceituação do que seja uma 'raça'.

Portanto, “o racismo é a pior forma de discriminação, porque o discriminado não pode mudar as características raciais que a natureza lhe deu” (SANT’ANA, 2005, p. 41). O racismo se materializa na discriminação racial, por seu caráter sistêmico:

não se trata, portanto, de apenas um ato discriminatório ou mesmo de um conjunto de atos, mas de um processo em que condições de subalternidade e de privilégio que se distribuem entre grupos raciais se reproduzem nos âmbitos da política, da economia e das relações cotidianas. (ALMEIDA, 2019, p. 24)

Porém, segundo Almeida (2019), nos espaços onde ocorrem os debates em torno da questão racial encontra-se variadas conceituações para o racismo. Observa-se que o construto racismo se apresenta de múltiplas formas, tais como: (1) racismo estrutural; (2) racismo institucional; (3) racismo epistêmico; (4) racismo cordial; (5) racismo simbólico; (6) racismo moderno; (7) racismo ambivalente; ou (8) racismo aversivo. A seguir, apresentam-se as concepções a serem adotadas nesse estudo referente as variações do construto racismo.

O racismo estrutural, para Almeida (2019, p. 26) decorre da “própria estrutura social, ou seja, do modo natural com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional”. Para o autor, comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção; o racismo é parte de um processo social.

O racismo institucional é tratado “como o resultado do funcionamento das instituições, que passam a atuar em uma dinâmica que confere, ainda que indiretamente, desvantagens e privilégios com base na raça” (ALMEIDA, 2019, p. 26).

O racismo epistêmico ou epistemológico significa a recusa em reconhecer que a produção de conhecimento de algumas pessoas seja válida por duas razões: 1º) porque não são brancas; 2º) porque as pesquisas e resultados da produção de conhecimento envolvem repertório e cânones que não são ocidentais (NOGUEIRA, 2015). Ou seja, o racismo epistêmico relaciona-se com o termo criado por Santos e Meneses (2010), para explicar o processo de invisibilização e ocultação das contribuições culturais e sociais não assimiladas pelo ‘saber’ ocidental:

à destruição de algumas formas de saber locais, à inferiorização de outros, desperdiçando-se, em nome dos desígnios do colonialismo, a riqueza de perspectivas presente na diversidade cultural e nas multifacetadas visões do mundo por elas protagonizadas. (SANTOS; MENESES, 2010, p. 183).

Racismo cordial ou racismo à brasileira é o tipo de racismo que ocorre no Brasil em virtude da cordialidade com que se nega ser racista, em um país onde, na própria opinião dos participantes do estudo citado, o racismo é notório (TURRA; VENTURI, 1995). O racismo cordial se caracteriza por uma polidez superficial que reveste atitudes e comportamentos discriminatórios, que se expressam ao nível das relações interpessoais através de piadas, ditos populares e brincadeiras de cunho “racial” (TURRA; VENTURI, 1995; LIMA; VALA, 2004).

No racismo simbólico os negros são percebidos como violadores dos valores que mantêm o status quo das relações racializadas. Esse tipo de racismo é baseado em sentimentos e crenças de que os negros violam os valores tradicionais americanos de individualismo e a ética protestante (obediência, ética de trabalho, disciplina e sucesso) (KINDER; SEARS, 1981; LIMA; VALA, 2004).

Para o racismo moderno, a discriminação é coisa do passado porque os negros agora podem competir e adquirir as coisas que desejam; os negros estão crescendo muito rapidamente economicamente e em setores onde não são bem-vindos; os meios e demandas dos negros são inadequados ou injustos, e as conquistas recentes dos negros não são merecidas, e as instituições sociais lhes dão mais atenção do que deveriam. (MCCONAHAY, 1986; LIMA; VALA, 2004).

O racismo ambivalente resulta da dupla percepção de que os negros são desviantes e, ao mesmo tempo, estão em desvantagem em relação aos brancos. A ambivalência de sentimentos e atitudes normalmente gera uma tensão e um desconforto psicológico. O racismo ambivalente se assemelha ao racismo aversivo, pois ambos procuram manter uma auto-imagem e imagem pública de pessoa igualitária e não preconceituosa (WALKER, 2001; LIMA; VALA, 2004).

O racismo aversivo seria o tipo de atitude racial que caracterizaria os brancos que possuem fortes valores igualitários, mas que experienciam um tipo particular de ambivalência, resultante do conflito entre sentimentos e crenças associados a valores igualitários e sentimentos negativos face aos negros (GAERTNER; DOVIDIO, 1986; LIMA; VALA, 2004).

A partir dessas definições das múltiplas formas do construto racismo, observa-se seu caráter multidimensional. Nesse sentido, esforços contínuos de elaboração, adaptação e validação de instrumentos capazes de mensurar o racismo vêm sendo realizados internacionalmente e nacionalmente (FERNANDES; PEREIRA, 2019; CAMPO-ARIAS et al., 2016; SANTOS et al, 2006; CARDENAS, 2007; NAVAS, 1998; HENRY; SEARS, 2002).

Com base no exposto e considerando o objetivo geral apresentado, a análise dos instrumentos de mensuração do construto racismo (e suas múltiplas formas apresentadas anteriormente) sustentar-se-á, nos estudos de DeVellis (2017) e de Hair Jr, et al. (2005; 2019) no que se refere ao desenvolvimento de uma escala para mensuração do construto que se pretende investigar.

Parte 2. Metodologia de levantamento bibliográfico

Para fins de desenvolvimento desta pesquisa, realizou-se uma revisão bibliográfica sistemática. A revisão bibliográfica sistemática é definida “como uma síntese de estudos primários que contém objetivos, materiais e métodos claramente explicitados e que foi conduzida de acordo com uma metodologia clara e reprodutível” (GREENHALGH, 1997, p. 672). O foco da revisão sistemática realizada está em identificar, selecionar e avaliar criticamente os estudos relacionados aos instrumentos de mensuração do construto racismo, sintetizando os resultados em um portfólio bibliográfico e evitando vieses ou tendenciosidade nos resultados obtidos por meio da definição prévia de critérios de inclusão e exclusão dos dados (ROTHER, 2007; FERENHOF; FERNANDES, 2014).

A referida revisão sistemática compreendeu as bases de dados presentes no Portal de Periódicos Capes (Web of Science, SCOPUS, SAGE Journals Online, ScienceDirect, Oxford Journals, Gale Academic OneFile, Emerald Insight, Cambridge Journals Online, Spell, Applied Social Sciences Index and Abstracts (ASSIA) (ProQuest), Wiley Online Library e SocINDEX), sem delimitação de data para início, com o limite temporal de dezembro de 2021. Utilizou-se o VPN da UDESC e/ou Rede CAFe com o intuito de ampliar o resultado das buscas.

Nas primeiras buscas utilizou-se termos genéricos para, posteriormente a aplicação de termos mais específicos. Considera-se que essas primeiras buscas tenham sido relevantes porque permitiu identificar a necessidade de delimitar a query de pesquisa com o intuito de retornar artigos alinhados ao escopo e relevantes à esta pesquisa: instrumentos de mensuração do construto racismo.

Com isso, a busca sistemática foi refeita delimitando a query de pesquisa. Os descritores utilizados estão apresentados no Quadro 1: Descritores utilizados na revisão sistemática.

Quadro 1: Descritores utilizados na revisão sistemática

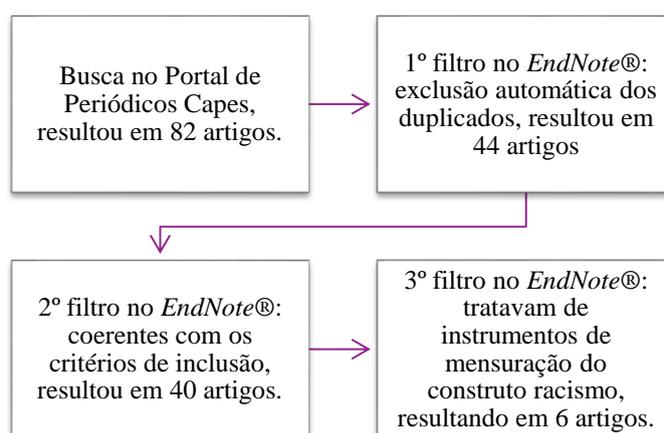
DESCRITORES (EM PORTUGUÊS)	DESCRITORES (EM INGLÊS)
Racismo AND escala	Racism AND scale
Racismo AND mensuração	Racism AND measurement
Racismo AND “escala de mensuração”	Racism AND “measurement scale”
Racismo AND medida	Racism AND measure

Fonte: elaborada pela autora (2022)

Buscou-se os descritores acima (em ambos os idiomas) nos títulos dos artigos, o que resultou na identificação de 82 artigos. A pesquisa foi exportada para o software EndNote® com o intuito de auxiliar no gerenciamento bibliográfico e organizados posteriormente por meio de planilha Excel®. Após uma análise preliminar das publicações, realizou-se a primeira filtragem: eliminar os artigos duplicados, por meio da utilização do recurso find duplicates no EndNote® e considerar apenas os documentos que constituíssem artigos científicos, publicados em revistas científicas, revisada por pares e disponíveis gratuitamente on-line nas bases de dados consultadas, resultando em 44 artigos para análise.

A segunda filtragem consistiu em remover as publicações que estavam incoerentes com os critérios de inclusão da pesquisa (publicações em português, inglês ou espanhol, que continham [racism AND scale OR measurement OR “measurement scale” OR measure] no título). Por fim, a terceira filtragem consistiu na leitura dos artigos para identificar aqueles que tratavam de instrumentos de mensuração do construto racismo em contextos gerais (sem especificar um contexto específico como hospitais; grupos específicos, como indígenas; e sem tratar como sinônimo de preconceito e discriminação) e que tinham aspectos fundamentais para uma análise de uma escala, como por exemplo, itens, amostra e análises utilizadas. Após as 3 filtrações, restaram 6 artigos relacionados ao escopo desse estudo, a saber: instrumentos de mensuração do construto racismo. A Figura 1: Etapas para seleção dos artigos apresenta as etapas da pesquisa.

Figura 1: Etapas para seleção dos artigos



Fonte: elaborada pela autora (2022).

Embora somente 6 artigos tenham sido considerados para fins de cumprimento do objetivo deste estudo, considera-se oportuno discorrer sobre os temas abordados nos demais artigos para fins de

confiabilidade e repetibilidade. Os temas abordados nos artigos excluídos nos filtros 2 e 3 são sintetizados no Quadro 2: Síntese dos temas abordados nos artigos excluídos nos filtros 2 e 3.

Quadro 2: Síntese dos temas abordados nos artigos excluídos nos filtros 2 e 3

- Descrição das experiências recentes de racismo relatadas por adultos da Nova Zelândia ao longo de um período por meio da utilização de dados previamente coletados de várias pesquisas nacionais transversais.
- Identificação de medidas quantitativas de racismo sistêmico que são salientes nos resultados de saúde reprodutiva por meio da revisão de leitura.
- Proposição de uma medida de racismo institucional em Centros de Saúde Acadêmica, porém sem informações sobre a construção do instrumento.
- Descrição das percepções e respostas a racismo entre mulheres negras trabalhadoras.
- Críticas quanto a conceituação e mensuração do racismo simbólico.
- Revisão de evidências mundiais (de 1995 em diante) de racismo, além de comparação das abordagens de medição existentes com as melhores práticas emergentes.
- Exploração das experiências de racismo de mulheres afroamericanas grávidas.
- Investigação da utilidade de um *proxy* de racismo de área baseado em pesquisa na Internet desenvolvido anteriormente como um preditor das taxas de mortalidade negra.
- Comparação dos papéis da discriminação e vigilância nas desigualdades raciais em duas medidas relacionadas ao peso, índice de massa corporal (IMC) e circunferência da cintura (CC).
- Exploração das maneiras pelas quais o racismo afetou vários aspectos da opinião pública na eleição presidencial de 2008.
- Identificação de descobertas que esclarecem como o racismo contribui para as disparidades raciais no transplante renal.
- Revisão da literatura para identificar estudos que utilizam medidas quantitativas de exposição ao racismo sistêmico em estudos de saúde reprodutiva populacional.
- Discussão dos processos políticos que vêm impulsionando a construção de políticas educacionais no Brasil no que se refere a temática racial, tensionando a relação entre atores e processos globais e o protagonismo do Movimento Negro brasileiro.
- Desenvolvimento piloto de uma medida multidimensional de classe latente.
- Colaboração com o desenvolvimento teórico de avaliações conceituais construídas sobre os possíveis efeitos da comunicação publicitária contraintuitiva nas crenças do indivíduo receptor de sua mensagem.

Fonte: elaborado pela autora (2022).

Mesmo considerando a importância e relevância dos estudos sintetizados acima para a construção do conhecimento acerca do racismo, optou-se por selecionar os estudos que mantinham relação direta com o objetivo deste artigo, ou seja, estudos que apresentam instrumentos de mensuração do construto racismo (e suas múltiplas formas) em um contexto geral. Dessa forma, optou-se por excluir os estudos que:

- a) especificavam contexto: racismo em hospitais, racismo obstétrico, racismo de consumo, racismo em companhias aéreas, racismo online, racismo por telefone etc;
- b) especificavam grupo: indígenas etc;
- c) não diferenciavam de outros conceitos: preconceito, discriminação, intolerância etc;
- d) não tinham como foco a construção, replicação ou adaptação de instrumentos de mensuração;

e

e) não apresentavam informações estatísticas referente ao desenvolvimento das escalas.

A partir disso, os seis artigos selecionados para compor o corpus de análise estão relacionados no Quadro 3: Artigos selecionados para análise.

Quadro 3: Artigos selecionados para análise

ANO	AUTORES	TÍTULO	PERIÓDICO
2002	HENRY, P. J.; SEARS, D. O.	The symbolic racism 2000 scale	Political Psychology
2007	SANTOS, Walberto Silva dos et al.	Escala de racismo moderno: adaptação ao contexto brasileiro.	Psicologia em Estudos
2007	CARDENAS, Manuel.	Escala de Racismo Moderno: propiedades psicométricas y su relación con variables psicosociales.	Univ. Psychol.
2014	NAVAS, María Soledad	New measurement instruments for the new racism	International Journal of Social Psychology
2016	CAMPO-ARIAS, A. et al.	Valoración psicométrica de la Escala Breve para Racismo Moderno	Revista de salud publica
2017	FERNANDES, S. C. S.; PEREIRA, M. E	Atitudes étnico-raciais: elaboração e evidências de validade de uma medida do racismo à brasileira	Psico

Fonte: elaborado pela autora (2022).

Os artigos que compõem o corpus de análise deste estudo foram analisados com base nas etapas para a construção de instrumentos de mensuração de variáveis, a partir dos estudos de DeVellis (2017) e de Hair Jr, et al. (2005; 2019).

Parte 3. Resultados

Nesta seção, apresentam-se inicialmente as etapas para a construção de instrumentos de mensuração de variáveis a serem adotadas no decorrer da análise deste estudo. Em seguida, os resultados com base nos critérios de análise.

Para Pioli et al (2020) determinados fenômenos requerem observações e quantificações de variáveis para fins de geração de conhecimento. No entanto, se os pesquisadores não estão familiarizados com métodos de medição confiáveis e válidos, eles podem acabar medindo incorretamente. Segundo Hair Jr. Et al (2005) a mensuração correta de um construto é fundamental para garantir interpretações e conclusões precisas. Por isso é tão importante a definição precisa do construto que se está estudando antes de partir para as etapas de desenvolvimento e validação de uma escala, ou seja, compreender que atitude/percepção/fenômeno deve ser medido (HAIR JR. Et al, 2019).

Diante disso, DeVellis (2017) apresenta etapas, conforme podem ser observadas no Quadro 4: Etapas para a construção de uma escala, que devem ser seguidas na construção de instrumentos de

mensuração de variáveis. O desenvolvimento de uma escala não é algo simples, tendo em vista que há vários aspectos que precisam ser avaliados.

Quadro 1: Etapas para a construção de uma escala

ETAPAS	DESCRIÇÃO DA ETAPA
1	Clareza do que se pretendi medir
2	Criação do conjunto de itens da escala
3	Determinação do formato de mensuração/de resposta
4	Revisão dos itens iniciais por especialistas na área
5	Considerar a inclusão de itens de validação
6	Realização de pré-testes
7	Avaliação dos itens
8	Otimizar o tamanho da escala

Fonte: elaborado pela autora com base em DeVellis (2017)

Com base nas etapas para construção de uma escala bem como nas etapas descritas na Figura 1: Etapas para seleção dos artigos, identificaram-se três instrumentos de mensuração do construto racismo: (1) Escala de Racismo Moderno; (2) Escala de Racismo Simbólico; e (3) Escala de Atitudes Étnico-Raciais.

O Quadro 2: Análise dos instrumentos de mensuração do construto racismo a partir das diretrizes propostas por DeVellis (2017) apresenta uma análise esquematizada do processo de construção dos instrumentos de mensuração/avaliação de racismo em comparação com as diretrizes propostas por DeVellis (2017).

Quadro 2: Análise dos instrumentos de mensuração do construto racismo a partir das diretrizes propostas por DeVellis (2017)

Diretrizes propostas por DeVellis (2017)	Escala de Racismo Moderno				Escala de Racismo Simbólico	Escala de Atitudes Étnico-Raciais
	Navas (1998)	Santos et al. (2006)	Cárdenas (2007)	Campo-Arias et al. (2016)	Henry e Sears (2002)	Fernandes e Pereira (2019)
1. Clareza do que se pretende medir	<input checked="" type="checkbox"/>					
2. Criação do conjunto de itens da escala	X	X	X	X	X	<input checked="" type="checkbox"/>
3. Determinação do formato de mensuração/de resposta	<input checked="" type="checkbox"/>					
4. Revisão dos itens iniciais por especialistas na área	X	<input checked="" type="checkbox"/>	X	<input checked="" type="checkbox"/>	X	<input checked="" type="checkbox"/>
5. Considerar a inclusão de itens de validação	X	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	X	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
6. Realização de pré-testes	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	X	<input checked="" type="checkbox"/>

7. Avaliação dos itens	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	X	<input checked="" type="checkbox"/>
8. Otimizar o tamanho da escala	X	<input checked="" type="checkbox"/>	X	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>

Fonte: elaborado pela autora (2022).

O instrumento para medir o Racismo Moderno foi analisado por meio dos estudos de Navas (1998), Santos et al (2006), Cardenas (2007) e Campo-Arias et al. (2016). O instrumento para medir o Racismo Simbólico foi analisado por meio do estudo de Henry e Sears (2002). E a Escala de Atitudes Étnico-Raciais foi analisada por meio do estudo de Fernandes e Pereira (2019).

No decorrer da seleção dos artigos para compor o corpus de análise identificou-se o instrumento denominado Perceived Racism Scale (PRS), proposto por McNeilly et al (1996), o qual avalia a experiência de racismo em vários contextos. Porém, embora o estudo tenha sido publicado, não está disponível gratuitamente on-line nas bases de dados consultadas. Dessa forma, não foi possível analisar esse instrumento e o estudo foi excluído em virtude de não atender os critérios de inclusão. Acrescenta-se que os estudos de McConahay et al. (1981) e McConahay (1986) o qual abordam a Escala de Racismo Moderno não foram analisados pois no primeiro os procedimentos de desenvolvimento e mensuração de escalas (itens, amostra, análise fatorial) e fatores emergentes não estavam descritos e o segundo não está disponível gratuitamente on-line.

Ressalta-se ainda que, o estudo de McConahay et al. (1976) que aborda a construção do Racismo Simbólico não foi analisado pois tem como objetivo aplicar duas escalas sem mencionar os procedimentos de desenvolvimento e mensuração de escalas.

Conclusões

Buscando auxiliar na organização do conhecimento já produzido sobre racismo e suas múltiplas formas, foram analisados a construção de instrumentos de mensuração/avaliação do construto racismo

Apoiando-se em pressupostos teóricos do construto racismo e em recomendações estatísticas segundo as diretrizes propostas por DeVellis (2017), este estudo analisou a construção de seis escalas, apresentando informações sobre a geração de itens, a proporção amostra-item, caracterização dos respondentes, bem como as análises estatísticas empregadas.

Diante disso, resgatando o objetivo deste estudo, a saber, analisar como as medidas e escalas do construto racismo são construídas e validadas, observa-se que todos os instrumentos foram preparados com clareza da medida, contudo ainda há melhorias a serem realizadas em todos os instrumentos analisados de forma a torná-los mais confiáveis. Considerando o caráter multidimensional do construto racismo, observa-se que Henry e Sears (2002) desconsideraram esse

aspecto na Escala de Racismo Simbólico, bem como o estudo de Campo-Arias et al. (2016) na construção da Escala Breve de Racismo Moderno. Os demais instrumentos captaram e confirmaram a multidimensionalidade do construto racismo ao desenvolver/adaptar seus respectivos instrumentos. Verifica-se que apenas a escala de atitudes étnico-raciais criou o conjunto de itens para escala a partir de revisão de literatura bem como por meio da criatividade do pesquisador. As demais escalas originaram seus itens a partir de estudos já existentes, por meio de adaptação para determinado contexto ou replicação dos respectivos itens. Todos os instrumentos demonstram o formato de mensuração da escala, sendo a maioria a escala tipo *Likert* com variação na quantidade de pontos (de 5 a 7 pontos). Sugere-se uma maior atenção no que tange a revisão dos itens iniciais por especialistas na área bem como a inclusão/exclusão desses itens após a referida validação.

Mesmo diante da importância de realizar pré-testes com indivíduos que possuam características semelhantes àquelas da população a ser pesquisada e a posterior avaliação dos itens por meio de análises estatísticas, os autores Henry e Sears (2002) não realizaram essa etapa para a construção da Escala de Racismo Simbólico.

Como limitação dessa investigação, destaca-se que de todos os estudos analisados há um predomínio da Escala de Racismo Moderno, embora existam outros instrumentos que abordem o construto racismo. Porém, outros instrumentos não puderam compor o *corpus* de análise por não atenderem os critérios de inclusão, principalmente na questão do acesso aos artigos gratuitos. Um caminho alternativo para estudos futuros pode ser a análise dessas escalas que não foram contempladas no escopo do presente estudo e/ou analisar de que forma o construto racismo é mensurado de modo a articular os estudos quantitativos aos métodos qualitativos.

Referências:

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro, Jandaíra, 2020. 255 p. (Feminismos plurais).

BURRELL, G.; MORGAN, G. **Sociological paradigms and organisational analysis: elements of the sociology of corporate life**. Portsmouth: Heinemann Educational Books, 1979.

CAMPO-ARIAS, A., HERAZO, E.; OVIEDO, H. C. Valoración psicométrica de la Escala Breve para Racismo Moderno [Psychometric assessment of a brief Modern Racism Scale]. **Revista de salud pública** (Bogota, Colombia), 18(3), 437–446. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.15446/rsap.v18n3.41291>

CARDENAS, Manuel. Escala de Racismo Moderno: propiedades psicométricas y su relación con variables psicosociales. **Univ. Psychol.**, Bogotá, v. 6, n. 2, p. 255-262, ago. 2007. Disponível em

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1657-92672007000200005&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 24 maio 2022

CUNHA, M. P. E.; REGO, A. Métodos qualitativos nos estudos organizacionais e de gestão. **Revista de Gestão dos Países de Língua Portuguesa**, v. 18, n. 3, p. 188-206, 30 dez. 2019.

DEVELLIS, R.F. **Scale Development: theory and applications**. 4th. Sage. ed. 2017.

DUPAS, Gilberto. **Economia global e exclusão social: pobreza, emprego, estado e o futuro do capitalismo**. 3.ed. rev. e ampl. São Paulo: Paz e Terra, 2001. 257 p.

FERENHOF, H. A.; FERNANDES, R. F. Desmistificando a revisão de literatura como base para redação científica: Método SSF. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 21, n. 3, p. 550-563, ago./nov. 2016. ISSN 1414-0594. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1194/pdf>. Acesso em: 27 jul. 2020.

FERNANDES, S. C. S.; PEREIRA, M. E. Atitudes étnico-raciais: elaboração e evidências de validade de uma medida do racismo à brasileira. **Psico**, v. 50, n. 4, p. e28624, 31 dez. 2019.

GAERTNER, S. L.; DOVIDIO, J. F. The aversive form of racism. In J. F. Dovidio, & S. L. Gaertner (Orgs.), *Prejudice, discrimination, and racism* (pp. 61-89). Orlando, Florida: Academic. 1986.

GREENHALGH, T. Papers that summarize other papers (systematic review and meta-analyses). **British Medical Journal**, London, v. 315, n. 7109, p. 672-675, Sep. 1997.

HAIR JR., J. F.; BABIN, B. J.; MONEY, A. H.; SAMOUEL, P. **Fundamentos de métodos de pesquisa em Administração**. Porto Alegre: Bookman, 2005.

HAIR, J., Jr., et al. **Análise multivariada de dados**. (6th ed.). Porto Alegre, RS: Bookman, 2009.

HAIR, J.F. *et al.* Development and validation of attitudes measurement scales: fundamental and practical aspects. **RAUSP Management Journal**, v. 54, n. 4, p. 490-507, 2019.

HENRY, P. J.; SEARS, D. O. The symbolic racism 2000 scale. **Political Psychology**, 23, 253-283. 2002.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa**. Elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KINDER, D. R.; SEARS, D. O. Prejudice and politics: symbolic racism versus racial threats to the good life. *Journal of Personality and Social Psychology*, 40, 414-431, 1981.

LIMA, Marcus Eugênio Oliveira; VALA, Jorge. As novas formas de expressão do preconceito e do racismo. *Estudos de Psicologia (Natal)* [online]. 2004, v. 9, n. 3. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2004000300002>

MCCONAHAY JB. Modern racism, ambivalence, and the Modern Racism Scale. En: Dovidio JF, Gaertner SL. **Prejudice, discrimination, and racism**. Orlando: Academic Press; 1986. p. 91-125.

MCCONAHAY, J. B., et al. **Has Racism Declined in America?:** It Depends on Who is Asking and What is Asked. *Journal of Conflict Resolution*, 25(4), 563–579, 1981.
<https://doi.org/10.1177/002200278102500401>

MCNEILLY, M. D. et al. The perceived racism scale: a multidimensional assessment of the experience of white racism among African Americans. **Ethnicity & disease**, 6(1-2), 154–166; 1996. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/8882844/> Acesso em 08 jun. 2022.

MEZAN, R. **Tempo de muda**. São Paulo: Editora Blucher, 2021. 9786555062670. Disponível em: <https://app.minhabiblioteca.com.br/#/books/9786555062670/>. Acesso em: 15 set. 2021

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO / Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília: SECAD, 2006.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das nocões de raça, racismo, identidade e etnia**. Disponível em: <https://www.ufmg.br/inclusaosocial/?p=59> Acesso em 15 set. 2021.

NAVAS, María Soledad. New measurement instruments for the new racism, **International Journal of Social Psychology**, 13:2, 233-239, 1998. Disponível em: DOI: 10.1174/021347498760350731

NOGUEIRA, Renato. **Afroperspectividade: por uma filosofia que descoloniza**. 2015. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/afroperspectividade-por-uma-filosofia-que-descoloniza/> Acesso em 15 set. 2021.

PACHECO, L. C. Racismo cordial - manifestação da discriminação racial à brasileira - o domínio público e o privado. **Revista de Psicologia**, v. 2, n. 1, p. 137-144, 11 dez. 2015

PETTIGREW, T. F.; MEERTENS, R. W. Subtle and blatant prejudice in western Europe. **European journal of social psychology**, 25, 57-75, 1995. <https://doi.org/10.1002/ejsp.2420250106>

PIOLI, Barla L. T. et al . LIDERANÇA AUTÊNTICA: ANÁLISE DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E DE ESCALAS DE MENSURAÇÃO. **RAM, Rev. Adm. Mackenzie**, São Paulo , v. 21, n. 3, eRAMG200126, 2020 . Available from <http://old.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-69712020000300301&lng=en&nrm=iso>. access on 08 June 2022. Epub May 08, 2020. <https://doi.org/10.1590/1678-6971/eramg200126>.

RANGEL, Irene Conceição Andrade. **Racismo, preconceito e exclusão: um olhar a partir da Educação Física escolar**. **Revista Motriz**, Rio Claro, v. 12, n. 1, p. 73-76, jan./abr., 2006.

ROGERS, Garry. **What is special about social exclusion approach?**. In: ROGERS, Garry; GORE, Charles; FIGUEIREDO, José (Org.). *Social exclusion: rethoric, reality, responses*. Geneva: International Institute for Labor Studies, 1995.

ROTHER, E. T. Revisão sistemática x revisão narrativa. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 20, n. 2, p. v-vi, jun. 2007.

SANT'ANA, Antônio Olímpio de. **História e conceitos básicos sobre o racismo e seus derivados**. In: MUNANGA, Kabengele (org.). Superando o racismo no Brasil. Brasília: Ministério da Educação, Secretária de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/racismo_escola.pdf Acesso em: 21 mai. 2022.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Org.). **Epistemologias do sul**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2010. 637 p.

SANTOS, Walberto Silva dos et al. Escala de racismo moderno: adaptação ao contexto brasileiro. **Psicologia em Estudo** [online]. 2006, v. 11, n. 3 [Acessado 24 Maio 2022], pp. 637-645. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-73722006000300020>>. Epub 14 Mar 2007. ISSN 1807-0329. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722006000300020>.

SOUSA SANTOS, B. DE. **Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna**. Estudos Avançados, p. 46–71, 1988.

TURRA, C.; VENTURI, G. **Racismo cordial: a mais completa análise de preconceito de cor no Brasil**. São Paulo, SP: Ática. 1995.

WALKER, I. The changing nature of racism: from old to new? In M. Augoustinos & K. J. Reynolds (Orgs.), **Understanding prejudice, racism, and social conflict** (pp. 24-42). 2001. Londres: Sage.